

O USO DE ANÁFORAS POR NOMES GERAIS NO PORTUGUÊS CAETEENSE

The usage of anaphora by general nouns in caeteense Portuguese

*Luanna de Sousa do Nascimento Oliveira**

RESUMO: Sob uma perspectiva léxico-semântica, este trabalho propõe uma análise dos sintagmas nominais anafóricos retomados por nomes gerais no português mineiro. Para tanto, tem-se como *corpus* a língua oral do município de Caeté, cidade da região metropolitana do estado de Minas Gerais. O fenômeno *anáfora* desempenha um importante papel na coesão textual, ao possibilitar a retomada de antecedentes por meio de formas nominais, dando continuidade tópica e referencial a um texto. A restrita classe dos *nomes gerais* é formada por um pequeno conjunto de nomes que possui referência generalizada, desempenha um papel relevante na interação verbal, porém não tem sido objeto de estudos sistemáticos. Foram selecionados para a análise os nomes *coisa*, *negócio* e *trem* por possuírem traços inanimados, abstratos ou concretos. O objetivo, assim sendo, é exemplificar e analisar as ocorrências do uso dos nomes gerais sob a ótica dos processos de referenciação anafóricos.

Palavras-chave: Nomes gerais; Anáforas; Português mineiro.

ABSTRACT: *Under a lexical-semantic perspective, this paper proposes an analysis of anaphoric NPs performed by general nouns in Portuguese spoken in Minas Gerais (Brazil). It was used in the analysis a sample of speech data of the citizens from Caeté, a city of the metropolitan region of Minas Gerais. The anaphora phenomenon plays an important role in textual cohesion, because it enables the recovery of textual antecedents through nominal forms, giving the text a topical and a referential continuity. The restricted class of general nouns, which is formed by a small set of nouns which has a general reference, plays an important role in verbal interaction, but it has not been subject of systematic studies. It was selected for the analysis the nouns *coisa*, *negócio* and *trem*, because they present inanimate traces (abstract or concrete ones). The objective, therefore, is to analyze and to exemplify the occurrences of general nouns using the anaphoric processes perspective.*

Keywords: *General nouns; anaphora; Portuguese spoken in Minas Gerais.*

* Mestranda da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; CNPq; soluoli@gmail.com

Introdução

Devido à sua grande importância para a coesão textual e à sua variedade de realizações, os processos de referenciação anafóricos têm sido bastante estudados. No âmbito dos estudos linguísticos, existem várias definições teóricas para essas relações. Diante de tal diversidade, é necessário destacar alguns conceitos, bem como definir qual deles será adotado no presente trabalho.

Na retórica clássica, as anáforas eram consideradas como a repetição de uma expressão ou de um sintagma no início de uma frase. Atualmente, a anáfora está distante da acepção original, sendo o termo usado “para designar expressões que, no texto, se reportam a outras expressões, enunciados, conteúdos ou contextos textuais (retomando-os ou não) contribuindo para a continuidade tópica e referencial” (MARCUSCHI, 2005, p. 219). Fulgêncio (1983) ressalta que, quando são estudadas as relações anafóricas, entende-se que a base para a recuperação dos antecedentes anafóricos esteja expressa no texto ou sugerida a partir de outros elementos nele presentes. Kleiber (*apud* MARCUSCHI, 2002, p.45) define a anáfora como “uma estratégia de retomada em que um elemento linguístico, geralmente pronominal, refere-se a outro elemento lexical que o antecede contextualmente”. Para Koch (2004, p. 244), as anáforas “são os grupos nominais com função de remissão a elementos presentes no contexto ou detectáveis a partir de elementos nele presentes”. Ou seja, quando o referente de uma anáfora se manifesta linguisticamente, é possível a identificação do sintagma que se liga ao elemento anafórico; todavia, quando não há referentes textuais para a retomada, o referente será construído com base em um elemento ou em um conjunto de elementos presentes no contexto. Essa última definição, dada por Koch (2004), foi a adotada no presente trabalho.

Como recurso textual, por exemplo, as anáforas remetem a outros elementos do texto que devem ser identificados para se chegar a uma interpretação coerente. Esse recurso de reiteração se mostra extremamente funcional, uma vez que permite e assegura uma continuidade do fluxo de informações. Segundo Fulgêncio (1983), um falante, quando utiliza uma anáfora em seu discurso, parte do princípio de que o ouvinte terá a capacidade de compreender a que ou a quem ele se refere, a partir do contexto de enunciação. Vários fatores são envolvidos na deliberação dos referentes, tais como

recursos sintáticos, pragmáticos, semânticos e de estratégias de representação mental. Em um ato conversacional, essa recuperação é feita através de correspondências e conexões nesse mesmo discurso, no contexto extralinguístico, ou, mesmo, por meio de inferências permitidas pelos esquemas que são evocados e que se manifestam na conversação.

As línguas possuem diversos mecanismos para se referirem a conceitos previamente mencionados em um texto. As anáforas seriam, então, ferramentas contextuais muito comuns para retomar seus antecedentes. Logo, estudar o processamento de anáforas é estudar o entendimento de termos recorrentes.

1 Tipos de anáforas

No meio linguístico, existem várias concepções e diversas discussões sobre os tipos de anáforas, devido à importância de sua propriedade coesiva para a construção de textos e discursos. O presente trabalho se apoia nos conceitos de Koch (2004), que divide as anáforas em três categorias: *anáforas correferenciais sem recategorização*, *anáforas correferenciais recategorizadas* e *anáforas não correferenciais*. Naturalmente, por questões de organização, de objetividade e de pertinência, será feita, de forma limitada, somente a apresentação do conceito de anáfora adotado para a análise que este trabalho se propõe a fazer: *anáforas correferenciais recategorizadas*.

Neste tipo de anáfora, feita por nomes gerais, somente há um sentido definido quando inserida em contexto de substituição a determinado segmento ou termo. Seu uso se torna comum pelo fato de que a fala é algo que exige do indivíduo uma simultaneidade entre intenção e realização verbal, de modo que a escolha por um termo mais acessível facilita a comunicação. Koch (2004, p. 250) alerta que “a seleção do termo anafórico pode estar ligada à variedade regional ou social dos interlocutores”. Palavras como *coisa*, *pessoa*, *negócio*, *criatura*, *indivíduo* são alguns dos termos utilizados para essa recuperação eficiente, tanto em processos de fala ou escrita, contudo mais largamente utilizada na primeira. Um exemplo:

(2) Doc. ... e quando você tem um problema dentário você escolhe um:: dentista com uma determinada especialidade ou qualquer um

serve? Inf. Eu...pro/ ...em geral a gente procura um...o dentista de quem a a gente tem recomendação de:: recomendações de colegas... ou de familiares...o que seria o meu caso inclusive que frequento um dentista... há mais de quinze anos porque... me foi recomendado por *peessoas*... ora não entro num consultório dentário...qualquer às vezes eu prefiro até suportar um pouquinho de dor...esperando chegar o meu dentista...do que entrar em qualquer clínica...isso::...também com ...com médicos e posteriormente com outras...*coisas* que eu deva recorrer...né?...que nem um advoga::do...a gente procura...eu procuro pelo menos.. sempre recorrer a essas *peessoas* quando indicadas né? (KOCH, 2004, p. 250)

A partir da leitura do exemplo, conclui-se que o sintagma *o texto* se refere à *Declaração de Helsinque*. Os dois, porém, não possuem o mesmo nome-núcleo, mas fazem referência à mesma unidade. Geralmente, anáforas indiretas se baseiam em processos cognitivos complexos, o que faz com que o interlocutor ative a representação da informação armazenada em sua memória por meios variados, envolvendo, também, conhecimentos semânticos e pragmáticos.

Uma vez feita essas considerações, admite-se que, de forma geral, o fenômeno anafórico se trata de um recurso de suma importância para a coesão discursiva, assegurando ao texto a necessária continuidade de fluxo. Contudo, antes do estudo das relações anafóricas que são objetos deste trabalho, é necessário, primeiramente, tratar das noções subjacentes a toda essa discussão, especificamente sobre os *nomes gerais*, denominação baseada nos estudos de Halliday e Hasan (1995 [1976]). Esta será, portanto, a próxima seção.

2 Os nomes gerais

Conforme já explicitado, este trabalho se interessa pelas anáforas desencadeadas por nomes gerais. Para um melhor entendimento do tema, é necessário apresentar as diversas análises e conceituações que esses itens de referência genérica recebem de diversos autores. Na literatura linguística, esses termos recebem denominações como *palavra coringa*, *palavra ônibus*, *falso nome contável*, *palavra camaleão*, *palavra funcional*, *palavra passe-partout*, *nomes nucleares de rótulos retrospectivos*, *termos ou nomes genéricos*, *substantivo-suporte* e *concha nominal*, os quais foram listados por Amaral e Ramos (2014).

Halliday e Hasan (1995 [1976]) descrevem e citam alguns exemplos dos denominados *substantivos gerais* (*general nouns*). Os autores destacam que esses itens foram muitas vezes negligenciados pelos estudos linguísticos, mas eles desempenham um papel importante na interação verbal. Os nomes gerais, segundo os autores, estão na fronteira entre o léxico e a gramática, visto que “um nome geral é, em si, um caso limite entre um item lexical (membro de um conjunto aberto) e um item gramatical (membro de um sistema fechado)” (Halliday e Hasan, p.274).

Em seu trabalho, Oliveira (2006) equipara os substantivos genéricos de Halliday e Hasan (1995 [1976]), aqui denominados *nomes gerais*, e o termo *substantivo-suporte*. A autora destaca que, em ambos, há, como característica fundamental, o grau de generalidade ou inespecificidade. Logo, os substantivos-suporte constituem uma classe não extensa de substantivos abstratos do português que se caracterizam por sua generalidade semântica. Oliveira (2006) propõe, também, que, dependendo do contexto, qualquer substantivo pode ser utilizado com um sentido genérico, como em (7a) e (7b):

(7a) O *estudante* de sétima série que estiver usando este manual para estudo poderá observar em seu próprio corpo as transformações progressivas provocadas pela atividade hormonal.

(7b) Mas o golpe de 1964 e a situação política acabaram obrigando o *estudante* a trocar os livros, no segundo ano de faculdade, pelo microfone.

Nos casos acima, Oliveira (2006) relaciona a inespecificidade de um substantivo quando, dentro de um contexto específico, pode referir-se como um membro de um grupo. Em (7a), o sintagma nominal *o estudante* tem referência genérica, enquanto em (7b) não há tal abstração semântica. Visto desse modo, segundo a autora, todo substantivo poderia ser utilizado com sentido genérico.

De acordo com a classificação de Antunes (2006), também é possível que qualquer substantivo, dependendo do contexto, seja empregado como nome geral. A autora, em seu trabalho, destaca a função coesiva dos nomes gerais e adota o termo *hiperonímia* para se referir às *palavras gerais, superordenadas* ou *nomes genéricos*. O hiperônimo poderia, então, por sua abrangência, ser usado para nomear classes de seres ou membros de um grupo. Antunes (2006) ainda acrescenta que, em processos anafóricos, esses itens versáteis apresentam considerável frequência e um importante papel articulador na continuidade textual.

Entretanto, para Halliday e Hasan (1975 [1976]), a classe dos nomes gerais seria formada por um pequeno conjunto de nomes que têm referência generalizada dentro das principais classes nominais, tais como *human noun*, *place noun* e *fact noun* (cf. Quadro 1). Esse conceito é compartilhado pelo presente trabalho.

Quadro 1:Lista de substantivos gerais do inglês (HALLIDAY; HASAN, 1995 [1976]).

Exemplos	Classe
person, man, woman, child, boy, girl	humano
creature	não-humano animado
thing, object	inanimado concreto
stuff	inanimado concreto contínuo
business, affair, matter	inanimado abstrato
move	ação
place	lugar
question, idea	fato

Segue o exemplo citado pelos autores:

(8a) Didn't everyone make it clear they expected the minister to resign?

– They did. But it seems to have made no impression on *the man*.

(HALLIDAY e HASAN, 1995 [1976], p. 275).

(8b) Todos não deixaram claro que esperavam que o ministro renunciasse?

– Deixaram. Mas isso parece ter causado muito pouca impressão *no homem*.¹

Neste caso, o elemento destacado, *homem*, possui referência generalizada e uma importante função coesiva. Conforme Halliday e Hasan (1995 [1976], p. 275) explicam, “um nome genérico em função coesiva é quase sempre acompanhado pelo item referencial o (“the”). Este o é anafórico, e o resultado é que a estrutura inteira *o + nome genérico* funciona como um item de referência anafórica”.

Retomando Oliveira (2006), concebe-se outro tipo de substantivo genérico: os *marcadores de lugar*. São palavras usadas com propósitos pragmáticos e discursivos, e seu uso é mais comum em substituição de palavras esquecidas, consideradas tabu ou que se referem a algo desconhecido. Entre os marcadores mais comuns em português, encontram-se: *coisa*, *negócio*, *treco*, *lance*, *trem*, *sujeito*, *elemento*, *indivíduo*, *fulano*, *sicrano* e *beltrano*. Por fim, a autora entende que, apesar da similaridade do valor

¹ Tradução nossa.

semântico vago entre marcadores e substantivos genéricos, os dois se diferem bastante quanto à distribuição, pois aqueles possuem caráter pronominal mais acentuado.

Em seu trabalho, Mahlberg (2005) compreende que, do ponto de vista gramatical, a unidade formada pelo artigo definido e os nomes gerais são similares ao pronome. De forma a relacionar e, conseqüentemente, corroborando tal hipótese, Müller (2001) consente que o pronome seja semanticamente variável. Sua denotação não é fixa apenas por seu significado lexical; ela varia de acordo com uma atribuição de valores em contexto linguístico ou extralinguístico, seja por sua dependência ou covariação em relação aos antecedentes. Por conseguinte, “é de se esperar que todos os pronomes sejam variáveis, pois sua interpretação é determinada, quer pelo contexto, quer por sua dependência em relação a antecedentes” (*idem*, 2001, p. 261).

Entre os nomes gerais mais comuns do português brasileiro, encontram-se palavras como *cara, coisa, indivíduo, homem, negócio, pessoa, trem, troço*. Esses itens lexicais não possuem sentido próprio, tampouco matriz semântica especificada, podendo ser inseridos no discurso em substituição a determinado segmento. É importante frisar que os nomes gerais são normalmente usados “quando o falante não consegue se lembrar imediatamente do vocábulo adequado, mas acredita que o ouvinte consiga depreender o seu significado e identificar o seu referente através do contexto e da paisagem mental que o ouvinte vai criando a partir dos elementos evocados” (FULGÊNCIO, 1983, p. 25).

Halliday e Hasan (1995 [1976]) afirmam que os nomes gerais são “os membros superordenados de um grande conjunto lexical e, portanto, seu uso coesivo é um exemplo do uso geral segundo o qual um item superordenado opera de forma anafórica como uma espécie de sinônimo”. É possível, no entanto, reunir algumas propriedades desses itens. Amaral e Ramos (2014) listam três: *estruturais, discursivas e outras funções*.

Quanto às suas propriedades, Amaral e Ramos (2014) frisam que os nomes gerais podem vir precedidos, ou não, por determinantes. Quando acompanhados, são geralmente referenciais e definidos, assemelhando-se aos substantivos comuns (HALLIDAY; HASAN, 1995 [1976]); logo, podem ser reiterados por pronomes. No

exemplo (12a)/(12b), observa-se que o sintagma nominal, que tem como núcleo o nome geral *homem*, pode ser parafraseado por um pronome:

- (9b)[...] Parece ter causado muito pouca impressão *no homem*.
 (9c)[...] Parece ter causado muito pouca impressão *nele*.

Outra importante propriedade dos nomes gerais é sua característica discursiva, que desempenha um papel coesivo importante na interação textual e verbal. Também assim o considera Francis (2003 [1994]), explicando que se trata de um grupo nominal capaz de conectar e organizar o discurso sempre com o estatuto de informação dada. No exemplo abaixo, retirado de Halliday e Hasan (1995 [1976], p. 275), é possível averiguar que o nome geral *coisa*, precedido do demonstrativo *essa*, tem como referente o núcleo do sintagma nominal, *louça*. Nesse caso, o interlocutor lança mão do nome geral para reiterar, sem prejuízo, uma informação expressa no discurso anterior, ou seja, com *status* dado.

- (10) O que eu devo fazer com toda esta louça?
 – Deixa essa *coisa* lá; alguém vai vir e colocá-la para fora.

Os nomes gerais também desempenham um papel importante como suporte para o falante no processo interacional. Dessa maneira, na interação verbal, ele pode se servir de um nome mais genérico com três finalidades: não perder tempo procurando na memória um termo conveniente para se referir à entidade pensada por ele (FULGÊNCIO, 1983); como artifício para evitar que um referente de significado incômodo seja verbalizado, evitando, talvez, constrangimentos; e dar a possibilidade de afastamento e inespecificidade de forma intencional.

A generalidade dessa classe, além da diversidade de uso, tem uma considerável capacidade de abrangência. Isso porque os nomes gerais podem englobar, quando em contextos fóricos, mais de um sintagma de uma sentença. É o caso da *rotulação*, que também é um tipo de anáfora. Conforme descreve Marcuschi (2006, p. 395), esse recurso “promove uma recategorização da informação precedente por meio de novas predicções atributivas, ajustando o saber disponível a respeito do objeto-de-discurso”. Apesar do seu esvaziamento semântico, segundo esse linguista, é muito comum na língua falada a rotulação feita por meio de nomes gerais, como *fato*, *problema*, *caso*,

circunstância, entre outros. No exemplo (11), o sintagma *esse problema* rotula um conjunto de fatores descritos pelo falante para contextualizar sua situação:

(11) Inf. - e nós temos ah:: aqui apenas ... enchentes de vez em quando como está agora na época né... e provocam algun::s flagelados aí ... que o estado tem que socorrer... e que eu creio que eh:: nos últimos anos tem diminuído um pouco *esse problema*... (MARCUSCHI, 2006, p. 395)

Francis (2003 [1994]) também trata dos rótulos e os classifica. Entretanto, no trabalho aqui feito, os rótulos citados pelo autor que podem interessar são, somente, os denominados *rótulos retrospectivos como proformas*. Francis (2003 [1994], p. 196) diz que “os nomes nucleares destes rótulos são quase sempre precedidos de um dêitico específico, como *o, este, aquele, esse, ou tal*, podendo ter outros modificadores e qualificadores. O grupo nominal todo funcionaria muito bem como uma proforma ou um item referencial”. Consequentemente, no aspecto gramatical, os rótulos funcionam de forma semelhante aos nomes gerais identificados por Halliday e Hasan (1995 [1976]), pois também existe “a combinação de nome geral mais determinante específico, tal como *o homem, a coisa (...)*” (*idem*, 1995 [1976], p. 275). Exemplo:

(12) Anthony Burgess pensa que o culto a heróis é uma característica peculiar dos britânicos. Ele explica isso através da nossa obsessão pelo passado e pela nossa preferência por acreditar na supremacia de pessoas sobre ideias. ‘Em contraste com *Plutarch’s Lives*, que não contém pessoas reais, seria saudável, da parte dos britânicos, pensar que a história é feita por pessoas que vão ao banheiro e sofrem de indigestão’. Embora este seja *um diagnóstico fora de moda*, de acordo com a máxima de Carlyle de que a história é a essência de inúmeras biografias, não há como refutar a noção de que nós, diferentemente dos europeus e, especialmente, dos franceses, não aprovamos ver valores obscuros sendo exaltados em detrimento de conquistas individuais. (FRANCIS, 2003, p. 197)

Observa-se no exemplo acima que o sintagma *um diagnóstico fora de moda* engloba informações de forma a referir e nomear a extensão anterior do discurso. O referente é transformado em um fato ou informação dada, mas o sentido do sintagma anafórico não funciona como um sinônimo do discurso precedente, visto que seu núcleo é um novo item lexical generalizado.

Por sua extensa flexibilidade de uso, os nomes gerais são muito comuns, tanto na língua escrita quanto na língua falada. Por possuírem referência generalizada, eles se

tornam muito úteis e frequentes em processos anafóricos. Essa natureza mais abrangente consente ao usuário da língua contornar seu esquecimento e evita que lapsos interrompam a enunciação. Relacionando as várias concepções acerca dessa classe, verificam-se diversos pontos que se convergem, mas ainda há muito para ser trabalhado sobre suas propriedades estruturais, discursivas e processuais. Logo, o presente trabalho, por meio das relações anafóricas, ainda que de forma restrita, poderá contribuir com mais uma análise sobre uso desse recurso coesivo que é a anáfora, em conjunção com essa subclasse situada na fronteira entre nomes e pronomes, os nomes gerais.

3 Metodologia

O presente trabalho passou por diversas etapas em seu desenvolvimento. A metodologia usada para a constituição do *corpus* é a da Sociolinguística Variacionista. O *corpus*, como informado anteriormente, reúne transcrições do seguinte projeto:

a) Projeto *O uso de nomes gerais nos falares mineiros*, vinculado ao Núcleo de Pesquisa em Variação Linguística (NUPEVAR), sediado na FALE-UFMG, com dados coletados entre os anos de 2012 e 2013;

Os trabalhos se iniciaram, a partir dessas transcrições, com o intuito de investigar a ocorrência dos nomes gerais *coisa*, *negócio* e *trem*, na cidade de Caeté, no que se refere ao uso em contextos anafóricos. Na tabela abaixo, há o detalhamento da estratificação da amostra.

Tabela 1: Estratificação da seleção de dados da cidade de Caeté.

Seleção dados Caeté				
	Homens		Mulheres	
Faixa etária	Até 35 anos - A	Acima 36 anos - B	Até 35 anos - A	Acima 36 anos - B
Até Ensino médio	CTE 17	CTE 13	CTE 19	CTE 4
	CTE 22	CTE 14	CTE 20	CTE 10
Ensino Superior	CTE 15	CTE 12	CTE 2	CTE 21
	CTE 16	CTE 21	CTE 24	CTE 27

Foram selecionadas 16 (dezesesseis) entrevistas. De forma a padronizar o *corpus*, optou-se pelo trabalho com 2.300 palavras, contadas a partir do início do texto escrito, englobando a contagem das palavras do entrevistador. Os informantes foram escolhidos conforme *gênero* (masculino/feminino), *faixa etária* (até 35 anos e acima de 36 anos) e *escolaridade* (até ensino médio e nível superior). A escolha dessas variáveis é de interesse para o trabalho, uma vez que permite maior sistematização para o processo de análise. Tal padrão metodológico permite, também, observar e verificar se as ocorrências dos nomes gerais anafóricos podem se diversificar quanto às variáveis sociais elencadas. As transcrições são de moradores que nasceram nas cidades de Caeté, com exceções dos informantes CTE 12 (natural de Nova Lima) e CTE 21 (natural de Belo Horizonte). Todavia, acredita-se que os dados dos poucos informantes que não se enquadram nos critérios anteriores não chegarão a interferir nos resultados, uma vez que, apesar de não terem nascido em Caeté, residem em tais localidades e mantêm traços linguísticos dos falares mineiro.

Nesse panorama, após uma contagem total dos nomes gerais, as análises buscam separar e quantificar, em cada cidade, as ocorrências dos nomes objetos de estudo e de suas variantes, levando-se em conta uma perspectiva léxico-semântica. Posteriormente, foram selecionadas as ocorrências anafóricas definidas pelo trabalho, de acordo com a classificação de Koch (2004). O trabalho compara dados da língua falada por considerar que, nesse contexto, os nomes gerais são mais frequentes do que em língua escrita, devido à informalidade.

4 Análise dos dados

Neste capítulo, é realizada uma análise a fim de rotular cada expressão anafórica encontrada de acordo com a classificação proposta por Koch (2004). Durante o processo de classificação dos dados, quando a conceituação dos tipos de anáfora e catáfora feita pela autora não se mostra suficiente para enquadrar a expressão anafórica em análise dentro de uma das categorias, utilizam-se os exemplos apresentados em seu trabalho como apoio.

É também analisado o material à esquerda dos nomes gerais, uma vez que esses itens, tal como observam Halliday e Hasan (1995 [1976]), podem vir, ou não, precedidos por determinantes. Caso estejam acompanhados, “são geralmente referenciais e definidos, assemelhando-se aos substantivos comuns” (*idem*, 1995 [1976], p.275), e podem ser substituídos por pronomes.

Quanto ao determinante, também denominado *especificador*, é adotada a classificação de Castilho (2010, p. 488), que o trata como “termo usado em sua dimensão gramatical, entendendo-se por ele as classes gramaticais que povoam a margem esquerda dos sintagmas e das sentenças”. O autor os subdivide em três: *especificadores centrais*, que não se combinariam no mesmo sintagma nominal, como os artigos definidos e os demonstrativos; *pré-especificadores*, dispostos antes dos especificadores centrais, como os quantificadores; e os *pós-especificadores*, alocados após os especificadores centrais, como os possessivos, os quantificadores definidos (ou numerais) e os quantificadores indefinidos (ou pronomes indefinidos). Semanticamente, os determinantes abrangeriam determinação definida ou indefinida, quantificação e equalificação. Assim, para o trabalho, além das definições de anáforas feitas por Koch (2004), essas propriedades gramaticais e semânticas dos determinantes serão empregadas quando, nas análises, houver material à esquerda dos nomes gerais. Também serão considerados, quando possível, fatores extralinguísticos para fins de comparação entre as amostras de cada cidade.

Na tabela 2 são apresentadas as ocorrências totais dos nomes gerais na cidade de Caeté. Observa-se que o item *coisa* apresenta frequência de uso maior do que *negócio* e *trem*. Essa superioridade já era esperada, uma vez que o nome *coisa* pode ser considerado o mais prototípico da classe dos nomes gerais. Tem-se, portanto, um total de 98 ocorrências da palavra *coisa*, 12 de *negócio* e 16 de *trem*.

Tabela 2: Ocorrências dos nomes gerais *coisa*, *negócio* e *trem* nas cidades de Caeté.

Número total de ocorrências - Caeté		
coisa	98	78%
negócio	12	9%
trem	16	13%

Total	126	100%
-------	-----	------

Das ocorrências totais, selecionam-se os casos fóricos. Na Tabela 3, verifica-se que o item *coisa* é usado pelos falantes 31 vezes para retomar antecedentes discursivos e somente em dois casos, de forma antecipatória, ou seja, como catáfora. São encontradas três ocorrências de anáforas e duas catáforas do nome geral *negócio*, e o nome geral *trem* foi usado apenas como anáfora correferencial.

Tabela 3: ocorrências fóricas na cidade de Caeté.

Ocorrências fóricas						
	coisa		negócio		trem	
	anáfora	catáfora	anáfora	catáfora	anáfora	catáfora
Caeté	31	02	03	02	11	-

Feita a apuração dos dados dos nomes gerais, serão analisados os três itens, em seções distintas, em partes assim subdividas: é feita uma breve contextualização do item em questão; faz-se a análise das ocorrências anafóricas no *corpus*; por fim, são feitas algumas considerações.

4.1 O item *coisa*

O item *coisa* é um nome geral por excelência, sendo o maior representante dessa classe com função generalizadora (AMARAL; RAMOS, 2014). Em diversos lugares do Brasil, segundo ROCHA (2008, p. 1), “o termo *coisa* é usado no lugar de uma palavra da qual o falante não se recorda no momento da fala”. O nome equivalente do inglês, *thing*, também é discutido por Fronek (1982), que destaca a capacidade dessa palavra de adquirir funções gramaticais por conta do seu esvaziamento semântico, restringindo sua aplicação a classes de objetos inanimados e contáveis. Em um sentido amplo, pode-se dizer que *thing* é “hierarquicamente superior à maioria dos outros substantivos gerais, podendo vir a ser uma proforma ideal, um substituto para todas as outras classes de substantivos, e um candidato ideal para gramaticalização” (FRONEK, 1982, p. 637).

O fato de estar situado entre os substantivos e os pronomes não interfere na distribuição sintática do nome geral *coisa*, mantendo equivalência à de um substantivo comum e podendo ser antecedido por determinantes (AMARAL; RAMOS, 2014). A análise do material à esquerda do nome *coisa* e dos demais selecionados para o trabalho é relevante, uma vez que, quando acompanhados por especificadores, podem ter comportamento semelhante aos pronomes. Na tabela 4, estão listadas todas as ocorrências fóricas do nome geral *coisa*, com material à esquerda ou não.

Tabela 4: Material à esquerda do nome <i>coisa</i> em contexto anafórico nas cidades de Caeté.		
	Caeté	
artigo	02	6%
demonstrativo	26	49%
quantificador	10	30%
sem material	05	15%
expressão delimitadora	-	-
Total	33	100%

A partir da tabela acima, são possíveis algumas constatações. Não apenas se registram diferentes materiais à esquerda do nome *coisa*, como também se verificam que, juntos, tais elementos formam expressões anafóricas. São usados artigos acompanhando o nome geral em 6% casos nas transcrições. A seguir, tem-se a análise dos exemplos (13) e (14):

(13) “eu comecei a trabalhar como auxiliar administrativo... aí só que eu nem sabia o que que era assistente social né? eu fazia o trabalho pra assistente social lembro que era do estado... ela veio pra cá emprestada... eu ia fazeno as *coisa* aí eu comecei a gostar daquilo” (CTE 27)

(14) “tem um clube recreativo Icaraí... já foi muito bom mais hoje tá muito... eu não sei se é o valor da *coisa* que nós nem somos sócios mais” (CTE 4)

Nos trechos acima, o núcleo anafórico é acompanhado pelo artigo definido na forma plural em (13). Retoma-se nesse ponto Halliday e Hasan (1995 [1976]), que, do ponto de vista gramatical, verificam que a estrutura formada por um *artigo definido* + *nome geral* se comporta como um pronome, ficando dependente do contexto linguístico para sua interpretação semântica. No primeiro, (13), pode se extrair do contexto que o referente da anáfora seja *serviços ou trabalhos relacionados à assistência social*. De acordo com a definição dos autores acima, todo esse sintagma pode ser substituído por um pronome, por exemplo, *elas*, sem criar prejuízos à compressão do discurso. Em (14),

o artigo é precedido pela preposição *de*. É possível, por meio da associação com o sintagma adjetival *clube recreativo Icaraí*, identificar que o nome *coisa* retoma *mensalidade*, não descrito no discurso, e que o falante diz não saber o valor por não ser mais sócio do local.

Os demonstrativos tiveram alta frequência nas ocorrências fóricas. Antecedem o nome geral tema desta seção em 16 casos, o que corresponde, respectivamente, a 49% dos registros. No trecho da entrevista (15), a palavra *coisa* é acompanhada pelo demonstrativo *aquelas*, que não faz concordância de número, seguindo a tendência do português brasileiro em que “os determinantes do sintagma nominal marcam mais o plural do que o núcleo” (Castilho, 2010, p. 461). Assim, o sintagma *aquelas coisa* engloba mais de um caminhão como referente:

(15) “não são caminhões daqui da cidade de impresas daqui da cidade... uns caminhão grandão aquelas *coisa* exagerada [a]que[la]s carretona tudo passano na avenida... nas ruas onde tem casas e isso sendo constante eu num acho bacana... [en]tendeu?” (CTE 4)

Em (16), observa-se, mais uma vez, que a concordância é feita somente no determinante, o que não impede que o interlocutor entenda que *essas coisa* retome algo mais amplo. De acordo com o contexto discursivo, poderiam ser *atividades* ou *lugares de lazer*.

(16) “por exemplo na faixa de idade da minha filha né? ela/ela/parquinho essas *coisa* num tem...” (CTE 21)

O nome *coisa*, apesar de ser geralmente acompanhado de determinantes de gênero feminino, pode ser acompanhado por artigo masculino. É possível a forma *coiso* em contexto de fala (AMARAL; RAMOS, 2014), porém não há registros no trabalho. Em (17), o antecedente explícito no discurso é *o[u]ro*, substantivo masculino, mas o nome geral engloba outras pedras preciosas, o que justifica a concordância de gênero.

(17) “que tinha a fenda que/que dizem que tinha o[u]ro essas *coisas* mais num lembro muito bem não... muito tempo que eu num” (CTE 15)

Retomando a tabela 4, observa-se na cidade mineira que os quantificadores se fazem presente em 10 casos, o que corresponde a 30%. A seguir, são apresentados exemplos com quantificadores retirados dos dados:

- (18) “mais sempre que posso vô/vô na casa da minha mãe tudo... vô às vezes pra alguma coisa assim tipo uma consulta médica...” (CTE 21)
 (19) “alguma lenda? ah minha vô conta algumas coisas” (CTE 24)

No primeiro trecho (18), há uma catáfora, ou seja, o nome geral nesse caso é utilizado para relacionar algo que virá mais adiante no discurso. O falante faz uso do termo mais abrangente para depois especificar o referente em questão, que é *consulta médica*. Em (19), *coisas* é anafórico e retoma algo mais abrangente por meio de pistas dadas pelo contexto. Uma dessas pistas é a concordância entre o quantificador e o nome geral, que obriga o interlocutor a buscar um referente plural. A segunda é a associação que pode ser feita com o sintagma *alguma lenda*, que direciona para uma interpretação em que, possivelmente, o falante saiba *várias histórias* ou *lendas* porque sua avó as contava.

A anáfora feita pelo nome *coisa* também ocorre sem material à esquerda, sendo encontrados quatro casos ao todo. A palavra *coisa* em (20) retoma *acidente na BR*.

- (20) “acidente na BR... *coisa* assim... transtorno...” (CTE 10)

No *corpus*, também foi encontrada, em função anafórica, expressão fixa com nome geral, nesse caso *coisa*, como núcleo. Essas expressões são incluídas na tabela 4, somadas às ocorrências *sem material* à esquerda. Na análise do *corpus* selecionado há, portanto, uma ocorrência:

- (21) “a gente num tem por exemplo um cinema que funciona...poderia ser uma opção de lazer no/aos domingos... num é? sessões infantis sei lá... *coisas* do tipo... aqui tem muita festa mais muita festa particular” (CTE 21)

No exemplo, verifica-se que essa expressão pode reiterar referentes mais amplos, não explícitos no discurso, mas possíveis de serem interpretados pelo contexto. É o que se observa em (21), em que *sessões infantis no cinema aos domingos* é uma das opções de lazer para a cidade de Caeté, segundo a informante; no entanto, podem também ser incluídas outras variedades. Ou seja, o referente não se limita ao que é descrito, pois a expressão *coisas do tipo* remete a inúmeras opções evocadas pelo contexto.

Após a explanação feita acerca das anáforas por nome geral *coisa*, conclui-se que, apesar do seu esvaziamento semântico, nas transcrições selecionadas, esse item é o

mais frequente nos processos fóricos, ou seja, como anáfora ou catáfora. São contabilizados, ao todo, 33 usos fóricos desse nome geral. Ao considerar o material à esquerda do item *coisa*, constatou-se, de acordo com a classificação de Castilho (2010), a presença de determinantes, tais como artigos, demonstrativos, ausência de material, quantificadores e, também, expressões fixas, que apareceram uma vez.

É relevante ressaltar a elevada frequência de anáforas com o item *coisa* precedidas por quantificadores. Esperava-se que, pelo caráter referencial e definido proporcionado pela conjunção do determinante com o nome geral, os demonstrativos obtivessem maior número dentre todos os tipos de especificadores, porém são encontradas 10 anáforas precedidas por quantificadores.

Tabela 5: Frequência de uso segundo as variáveis *gênero, faixa etária, escolaridade e localidade*

Homens	Caeté	
médio/ faixa A	02	20%
médio/ faixa B	01	10%
superior/ faixa A	07	70%
superior/ faixa B	00	-
Total	10	100%

Quando se faz um recorte das transcrições com o uso das variáveis *gênero, faixa etária e escolaridade*, apresentado na tabela 5, é observado que os homens pertencentes à faixa etária até 35 anos (A) usam anáforas com *coisa* mais do que os falantes acima de 36 (B), tanto no ensino médio quanto no nível superior. Levanta-se a hipótese se, quando comparados, os homens mais jovens das duas cidades analisadas adotam, com uma frequência maior, a forma *coisa*. No entanto, estudos feitos por Amaral e Ramos (2014) relacionam os nomes gerais *coisa* e *trem* com a variável faixa etária e observam uma estabilidade nessa variação, dissipando a hipótese inicial.

As análises também indicam a tendência do nome *coisa* referir-se a entidades inanimadas, com traços concretos e/ou abstratos. Murphy (2012) faz uma distinção entre nomes *concretos* e *abstratos*. Estes se refeririam a entidades tangíveis e aqueles, às intangíveis, como, por exemplo, emoções ou estados mentais. Abaixo, um exemplo que se encaixa nessa definição:

(22) “da/ de Minas Gerais que buscô várias mercadorias ele não abriu/ sei lá criano investi/ é/ incentivo fiscal pra...pra essas impresa... tem muita impresa em Betim e essas/ que já tá abarrotado podia criar uma *coisa* assim...” (CTE 16)

No trecho (22) a anáfora retoma *incentivos fiscais*, que, segundo definição adotada, é algo intangível. Na tabela abaixo, foram divididas as ocorrências fóricas por gênero:

Tabela 6: Ocorrências anafóricas de *coisa* segundo as variáveis extralinguísticas *gênero*.

Gênero	Caeté
mulheres	(23/33) 70%
homens	(10/33) 30%

Por fim, examinando com atenção a tabela 6, verifica-se que as ocorrências fóricas de Caeté feitas por informantes femininas são 70%. Assim, na cidade mineira, as informantes fazem uso 23 vezes dessa ferramenta coesiva, o dobro em relação aos informantes masculinos (10 anáforas). Para analisar essa tendência, são necessários outros apontamentos. Estudos feitos por Amaral e Ramos (2014) indicam que há estratificação no uso das variantes, no caso em questão, dos nomes gerais. Uma evidência dessa hipótese é que, quando feito um levantamento das ocorrências de *coisa* e *trem* com professores em sala de aula, embora ambas sejam usadas na língua oral, somente a forma *coisa* ocorre nos textos formais, ou seja, existe um condicionamento estilístico. A literatura linguística concebe que, ao contrário dos homens, “as mulheres demonstram maior preferência pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente” (PAIVA, 2003, p. 34). O que se constata, especificamente nos dados selecionados e que vai ao encontro dos dados de Amaral e Ramos (2014), é que as mulheres adotam, com uma frequência maior, a forma mais prestigiada e não estigmatizada. Ressalta-se que o *corpus* analisado é restrito, sendo essas apenas algumas observações relacionando algumas variáveis.

Assim, encerra-se a análise do nome *coisa*, salientando que, sob a função de anáfora, podem-se encontrar discrepâncias nos registros quando incluídas as variáveis *gênero*, *idade* e *escolaridade*, dentro do *corpus* selecionado.

4.2 O item *negócio*

Na língua portuguesa, alguns substantivos passam por um processo de esvaziamento semântico que permite a tais itens atuarem com maior possibilidade de referenciação. Assim como o nome geral *coisa*, representante mais expressivo da subclasse de nomes que se situam na fronteira entre nomes e pronomes, o item *negócio* traz consigo a capacidade de referenciação abrangente.

Etimologicamente, *negócio* recebe a definição relacionada a comércio, no entanto, constata-se que sofreu processo de gramaticalização, e seu uso como nome geral é mais frequente do que o nome lexical (BARBOSA *et al*, 2012). Essa perda de especificidade permite a possibilidade de ocorrência do nome *negócio* e suas variantes, como *negoço* e *negó*, em contextos generalizados. Na tabela 7, observa-se que, nas transcrições de Caeté, o item *negócio* ocorre, equilibradamente, com o nome *trem*, com 13% e 9%, respectivamente, do total das ocorrências, e em número muito inferior, quando comparado ao nome *coisa*.

Tabela 7: Percentual de ocorrências totais dos nomes gerais.

Número total de ocorrências - Caeté		
coisa	98	78%
negócio	12	9%
trem	16	13%
Total	126	100%

Os casos anafóricos com o item *negócio*, conseqüentemente, ocorrem em menor número. Na tabela 8, estão listadas cinco ocorrências fóricas. Feita a análise do material à esquerda, contabiliza-se apenas o uso de três tipos de determinantes, classificados conforme Castilho (2010): artigo, demonstrativo e quantificador.

Tabela 8: Material à esquerda do nome *negócio* em contexto anafórico nas cidades de Caeté.

	Caeté	
artigo	01	20%
demonstrativo	02	40%
quantificador	02	40%
Total	05	100%

Castilho (2010, p. 489) define que o artigo é um “marcador pré-nominal, átono, associado necessariamente ao substantivo”. O *corpus* registra uma única ocorrência anafórica do item *negócio* antecedida por artigo (23). Embora o referente não possua *status* dado, ou seja, não foi explicitado anteriormente, é possível, por meio do contexto do discurso, deduzir que o referente de *negócio* é *tipo de comida*. O artigo, conforme suas propriedades semânticas, assinala que o referente é identificável e definido.

(23) “lá eles não come verdura igual a gente... o *negócio* deles é... arroz... feijão... farinha carne e tumate alface...”(CTE 24)

Em relação aos demonstrativos, são registrados quatro casos acompanhando *negócio* em enquadramento fórico, os exemplos (24) e (25):

(24) “dá mais oportunidad*i*/esses *negócio* da () esse pessoal de Caeté no entanto cê vê que quase todo mundo que sai daqui..” (CTE 17)

(25) “com esse *negócio* de/de... teve/quando teve os problemas que num ta[va] podeno passar na 381 “ (CTE 18)

A falta de concordância nominal é uma tendência no PB e não cria confusão na construção ou coerência do enunciado, bastando somente que o determinante receba a marca do plural. Na verdade, a falta da marca plural é mais uma evidência para a inserção de *negócio* na subclasse dos nomes gerais. É o que acontece em (24). Para o sintagma formado pela junção do *demonstrativo* + *nome geral*, assume-se como referente *mais oportunidades*. Já em (25), não há marcação de plural nem no determinante nem na palavra *negócio*, e o referente da anáfora, que é *problemas que causaram o impedimento da passagem pela BR-381*, é facilmente identificável.

Acompanhadas por quantificadores, são contabilizadas duas anáforas. O referente, em (26), é *uma festa*, ou seja, um evento, por conseguinte, abstrato e facilmente depreendido, pois é expresso pelo falante. No exemplo (27), o sintagma formado pelo quantificador indefinido e o nome geral funciona como catáfora, ou seja, o referente da oração é expresso posteriormente. O informante, nesse caso, faz uso do termo mais abrangente para depois introduzir um elemento definido, *iscadinha*.

(26) “... cê tem por exemplo eu consigo fazer uma festa aqui/minha filha “ó pai vamo fazer um *negócio* aqui? eutôolhano... eu trago um monte de gente... os pais vem trazer é[la]s aqui” (CTE 21)

(27) “eu fiquei com me[do] de subir de novo tamém... um *negócio* assim... uma iscadinha sabe?” (CTE 2)

Com isso, encerra-se a análise das anáforas feitas pelo nome geral *negócio*. Como já observado, são registradas em menor número se comparadas às de *coisa* e *trem*, não sendo possível trabalhar com as variáveis extralinguísticas em busca de novas observações.

4.3 O item *trem*

Segundo Amaral (2014, p. 32), *trem*, apesar de ser comumente usado em determinadas variedades do PB, “somente há pouco tempo vem recebendo uma atenção maior por partes das pesquisas linguísticas”. O nome *trem* é peculiar, pois teve seu significado e uso modificados ao longo dos anos. É etimologicamente concebido como meio de transporte usado em ferrovias, série de vagões. Há também a acepção de traje, conjunto de roupas, bagagem. Ramos (2013) verifica que, hoje, a forma *trem* é usada por falantes do português numa significação vaga, capaz de desempenhar uma função coesiva, recuperando uma ampla gama de referentes. Nesses casos, para que seja feita a identificação do significado, deve ser considerado um contexto mais amplo na sentença; “essa exigência evidencia sua natureza fórica mais próxima de um pronome do que de um substantivo comum” (RAMOS, 2013, p. 138). Nos dados utilizados para o trabalho, não houve nenhum uso do termo com seu valor etimológico.

Todos os onze registros do nome *trem* como núcleo anafórico foram precedidos por demonstrativos. Do total, oito foram usados por falantes do gênero masculino e três pelo gênero feminino, o que reforça, como apontado na seção anterior, que as mulheres preferem usar a forma *coisa* em vez do *trem*, uma vez que aquele é considerado o mais formal.

Uma particularidade desse nome geral é que, diferentemente dos outros, o traço morfológico número plural somente aparece no determinante (AMARAL; RAMOS, 2014). É verificado que, do total dos casos anafóricos, dois estão no singular (*esse*) e nove são precedidos por determinantes com a marca plural (*esses*). Seguem as análises de alguns exemplos:

(28) “sete de setembo também foi o pessoal da fé/paga... pecado... esses *trem*... as promessa” (CTE 17)

(29) “eu... eu go/ eu vô sempe nessa de sete de setembo/ eu subo a pé... o pessoal sobe a serra... aí faz promessa... esses *trem*...” (CTE 17)

O sintagma *esses trem* funciona como anáfora e catáfora, abrangendo, portanto, dois referentes no discurso apresentado em (28), respectivamente, os itens *pecado* e *as promessa*. É possível inferir pelo contexto que o enunciador faz uso do termo geral e, posteriormente, de um específico, como estratégia de não interromper o discurso por não se lembrar do termo mais conveniente, nesse caso, as promessas. Novamente, em (29), o mesmo informante utiliza o nome geral para retomar *promessa*, e observa-se que somente o determinante recebe a marca do plural.

O nome geral em questão também recupera partes maiores do enunciado, como é verificado em (30). O referente, nesse exemplo, engloba uma série de elementos relacionados a patologias, tais como, *bronquite*, *asma*, *falta de ar*, que o informante diz ter, assim como sua avó. O mesmo referente, *falta de ar*, é reiterado em (31), englobando também *crisezinha*, por associação.

(30) “não de repente memo, da vó/ peguei da minha vó... ela tinha bronquite asma... sentia falta de ar esses *trem* foi dela” (CTE 17)

(31) “raramente dá uma crise (zinha) assim... falta de ar... esses *trem*...aí toma um (ambulador) porque é lá em casa aí melhora.” (CTE 17)

No *corpus* de Caeté, também são encontradas anáforas com o item *trem* precedido por determinantes na forma singular. O referente de (32) não é dito pelo falante, mas pode ser evocado por processo de associação. Entende-se que se trata da palavra *pergunta*, uma vez que está diretamente associada semanticamente a *resposta*.

(32) “só responder esse *trem* aqui que... falar onde que tô aqui... só po[r] no silencioso aqui po[de] falar” (CTE 15)

São fortes tendências da forma *trem* sua capacidade de se referir a entidades de traço [concreto] ou [abstrato], seu emprego em contextos negativos e suas referências a entidades que causam algum incômodo ao informante (AMARAL, 2014), como pode ser visto em (33):

(33) “mexeno nesse poste aí. tirano muito jovem/esses pessoal aí/ da rua aí/vendeno drogas esse *trem* né. Tá seno muito... bem... nesse...ramo.” (CTE 21)

Somente pelo contexto, é possível ao interlocutor entender que se trata de uma informante religiosa que se vê importunada com o comércio de diversas drogas na proximidade de sua residência. O nome *trem* é usado, portanto, como substituto à referência de outras possíveis drogas.

Como visto na seção 3.1, quando se compara *coisa* e *trem*, é verificado que este se afasta mais do padrão. O número reduzido de anáforas feitas por esse item pode ser relacionado com o fato de que “as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens e são mais sensíveis (...) ao padrão de prestígio” (LABOV, 2008 [1972]). No entanto, trata-se de um número restrito de ocorrências, sendo necessários mais estudos para conclusões satisfatórias.

Considerações finais

De acordo com as análises realizadas no decorrer deste trabalho, constata-se que as anáforas feitas por nomes gerais são um mecanismo fórico muito recorrente na língua falada, havendo predominância dos processos anafóricos, o que contribui para a continuidade referencial do discurso. Os nomes gerais também foram usados como catáforas, porém, em menor frequência.

Os nomes gerais, que fazem parte de uma restrita classe formada por um pequeno conjunto de nomes de referência generalizada, desempenham um papel relevante na interação verbal ao permitir ao falante usá-los como um mecanismo de continuidade e progressão do fluxo informacional. Os itens *coisa*, *negócio* e *trem*, selecionados para o trabalho por possuírem traços inanimados [abstrato] ou [concreto], apresentam diferentes frequências de uso.

Coisa, como representante prototípico, é o nome geral com mais ocorrências em ambas as cidades. São 98 ocorrências na cidade de Caeté. Por conseguinte, também é maior o número de anáforas feitas com esse item como núcleo do sintagma: 34%. A forma *negócio* possui doze os registros do item, sendo usado como anáfora em 41% dos casos. O item *trem* é encontrado em 16 casos, superando os registros da forma *negócio* (12).

Quanto ao material à esquerda, os três nomes objetos de estudo apresentam determinantes do tipo *artigo*, *demonstrativo* e *quantificador*. Expressões delimitadoras ou fixas e a falta de material à esquerda se limitaram ao nome *coisa*, devido à sua amplitude e superioridade de uso.

Por fim, ressalta-se a importância das anáforas na construção de processos discursivos e textuais. As observações feitas pelo trabalho são restritas e buscam contemplar o máximo de apontamentos relevantes. No entanto, para resultados mais precisos usando variáveis extralinguísticas, é necessário um número maior de dados. Para futuros trabalhos, sugerem-se análises de locuções com nomes gerais, dicionarizadas ou não com traço [+humano] e/ou [+inanimado], como *coisa* e *cara*, com intuito de registrar peculiaridades de uso e formação de novas estruturas desses nomes tão comuns na língua falada e escrita, mas ainda pouco pesquisados na literatura linguística.

Referências

- AMARAL, E. T. R. *Análise de um nome geral na fala dos mineiros: para que serve esse trem?* *Revista Trama*, Marechal Cândido Rondon, v. 10, n. 20, p. 27-43. 2º sem. 2014.
- AMARAL, E. T. Roque; RAMOS, J. *Nomes gerais no português brasileiro*. Belo Horizonte: Ed. FALE-UFMG / O Lutador, 2014.
- ANTUNES, I. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. 2 ed. São Paulo: Parábola, 2006.
- BARBOSA, E. R. A. *et ali*. *Negócio* como nome geral no falar de Minas Gerais. *Crátilo: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, UNIPAM, 5(2), 2012. p. 180-198.
- BELINE, R. A variação linguística. In: FIORIN, J. L. *et ali*. (org.) *Introdução à linguística – Objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2004.
- BORBA, F. da S. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- CASTILHO, A. T. de. O sintagma nominal. In: _____. *Nova Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 453 - 510.
- CAVALCANTE, M. M. Expressões referenciais: uma proposta classificatória. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 44. 2003, p. 105-118.
- CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon: FAPERJ, 2010. 712 p.

CRYSTAL, D. *Dicionário de linguística e fonética* (Trad. Maria Carmelita Pádua Dias). Rio de Janeiro: 1988. 275p.

DETONI, R. do V. *A concordância de Gênero na Anáfora Pronominal: Variação e Mudança Linguística no Dialeto da Baixada Cuiabana - Mato Grosso*. 2003. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

FERREIRA, A. B. de H. *Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. xxxi, 2128p.

FRANCIS, G. Referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). *Rotulação do discurso: Um aspecto da coesão lexical de grupos nominais*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 191-228.

FRONEK, J. Thing as a function word. *Linguistics*, v. 20, p. 633-654, 1982.

FULGÊNCIO, L. *O Problema da interpretação dos elementos anafóricos*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 1983.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. 14. Ed. London /New York: Longman, 1995 [1976].

HASPELMATH, M. *Indefinite pronouns*. Oxford (Oxford studies in typology and linguistic theory): Clarendon, 1997.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S.; FRANCO, F. M. de M.; INSTITUTO ANTONIO HOUAISS DE LEXICOGRAFIA E BANCO DE DADOS DA LÍNGUA PORTUGUESA. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. lix, 1986 p.

ILARI, R. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 55-62.

KOCH. I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*, São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial. In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. (orgs.). *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*, São Paulo: Contexto, 2004. p. 244-262.

LIMA, L. A. *Anáforas nominais por sinonímia e por associação no PB: um estudo de leitura auto-cadenciada da correferência*. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

MAHLBERG, M. *English general nouns: a corpus theoretical approach*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005.

MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: BENTES, A.; KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M. C. (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. *Linguística de texto: o que é e como se faz?* Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1983. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1983. (Série Debates, 1).

MARCUSCHI, L. A.; KOCK, I. G. V. Referenciação. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCK, I. G. V. *Gramática do português culto falado no Brasil*. v. 1: construção do texto falado. Campinas: UNICAMP, 2006.

_____; _____. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (Orgs.). *Gramática do português falado*. v. VIII: novos estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, 2002.

MURPHY, M. L. *Lexical Meaning*. New York: Cambridge University Press, 2012.

MÜLLER, A. Anáfora pronominal. *Letras*, Curitiba. n. 56. p. 259-275. jul./dez. 2001. Editora da UFPR.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2.ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

OLIVEIRA, C. M. G. M. de; *O substantivo suporte: Critérios operacionais de caracterização*. 2006. Tese (Doutorado em Letras) - Centro de Teologia e Ciências Humanas, PUC, Rio de Janeiro.

PAIVA, M. da C. de; A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 33 - 42.

PERES, E. P.. *O uso de você , ocê e cê em Belo Horizonte: Um estudo em tempo aparente e em tempo real*. 2006. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

RAMOS, J.; COELHO, S.. (Org.). *Português Brasileiro Dialetal – temas gramaticais*. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

RAMOS, J. Interjeição & gramaticalização: Nó! e Nossa Senhora.. In: VITRAL, L.; COELHO, S. *Estudos de Processos de Gramaticalização em Português*. Campinas: Mercado de Letras, p.315-332.

ROCHA, S. *Predicador em sentenças com "coisar": estruturas temáticas*. In: Anais do CELSUL, 2008. Disponível em: <<http://goo.gl/te4wJV>>. Acesso em: 21 set. 2014.

SCHERRE, M. M. P. *Reanálise da concordância nominal em português*. Tese (Doutorado em Linguística) - Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 1988.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian. A variação linguística e o papel dos fatores sociais. 2011. (Apresentação de Trabalho/Congresso)

VIEIRA, R.; GONÇALVES, P. N.; SOUZA, J. G. C. de. Processamento Computacional de Anáfora e Correferência. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 263-284, jan./ jun. 2008.